

LITERATURA COMO FORMA DE RESISTÊNCIA: DIÁLOGOS ENTRE CONCEIÇÃO EVARISTO E NOÉMIA DE SOUSA

Kesia Gabriely Paula da Silva, Universidade Estadual do Paraná.
Prof. Dr. Ramon Diego Câmara Rocha, Universidade Estadual do Paraná

Introdução

As literaturas dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP), especificamente a de Moçambique, e a literatura afro-brasileira compartilham marcas históricas e temas similares resultantes dos processos de colonização portuguesa e de suas heranças nas sociedades contemporâneas. O sistema colonial se estruturou por meio de invasões e explorações territoriais que, para se legitimarem, recorreram a discursos de "efabulação". Conforme a teoria de Achille Mbembe, essa efabulação criou histórias fictícias que representavam a população negra como um "não povo", associando-lhe características animais para fins de inferiorização social. Sob esse imaginário, corpos negros passaram a ser estruturados como "corpos impróprios", gerando condições profundas de não pertencimento e opressão racial.

Nesse contexto, a literatura não se configura de forma neutra. Se, por um lado, a literatura colonial buscou a manutenção de ideias eurocêntricas e o apagamento das vozes dos oprimidos, por outro, surgiram manifestações literárias focadas no protesto, na combatividade e na reivindicação cultural. Historicamente, espaços como a Casa dos Estudantes do Império (CEI), fundada em 1944 em Portugal, e movimentos como a Frente Negra Brasileira (1931) e o jornal *Voz da Raça* (1933) no Brasil funcionaram como importantes veículos de divulgação e resistência cultural de autores marginalizados. Apesar de terem sofrido severas repressões políticas estatais, como o encerramento da CEI pela PIDE em 1965 e a extinção da Frente Negra pelo Decreto-Lei nº 37 no governo de Getúlio Vargas, a produção artística resistiu. É a partir dessa perspectiva de confrontação e de decolonialidade que se propõe investigar os pontos de proximidade e entre as produções literárias de duas autoras negras de língua portuguesa: Noémia de Sousa e Conceição Evaristo.

O presente trabalho tem como objetivo geral analisar de que maneira o colonialismo e sua herança histórica exercem influência sobre as construções poéticas e estéticas de Noémia de Sousa e Conceição Evaristo. Especificamente, busca-se investigar como as marcas coloniais impactam a estruturação da produção literária e de que forma as obras selecionadas funcionam como instrumentos de resistência e contra-discurso frente aos

ISSN: 25253611

VI Seminário sobre gênero:

“Educação, diversidades e práticas profissionais: diálogos interseccionais e (im)pactos sociais”

modelos hegemônicos tradicionais.

Materiais e métodos

Este artigo caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa de fundo bibliográfico. O *corpus* literário selecionado para o estudo comparativo é constituído pelo poema *Canção Fraterna*, integrante da obra *Sangue Negro* (2002) da autora moçambicana Noémia de Sousa, e pelo poema *Todas as manhãs*, publicado no livro *Poemas da recordação e outros movimentos* (2008) da autora brasileira Conceição Evaristo. O referencial teórico adota uma abordagem decolonialista e crítica, amparando-se nas formulações conceituais de Frantz Fanon sobre o esquema histórico-racial e o sujeito colonizado, no conceito de "Escrevivência" de Conceição Evaristo, e na proposição de uma "outra razão" formulada por Lélia Gonzalez. As análises observam as características literárias internas dos poemas e as suas articulações com as realidades históricas e sociais de Moçambique e do Brasil.

Resultados e Discussão

A análise da trajetória de Noémia de Sousa (1926-2002) revela uma produção poética concentrada entre 1948 e 1951, fortemente dialogada com o movimento da Negritude e com o espaço intelectual do jornal *O Brado Africano*. Alinhada à recusa de assimilação cultural proposta por Aimé Césaire, a poética de Noémia recorre à memória e à coletividade para valorizar o povo africano. No poema *Canção Fraterna*, a autora estabelece um diálogo com um "irmão negro", utilizando-se de interrogações para questionar os impactos de séculos de escravidão na subjetividade e na voz dolente do colonizado. Essa escolha linguística atua para preencher as lacunas históricas deliberadamente ignoradas pelo discurso colonial hegemônico. Na estrofe final, o termo "encadeado" denota a prisão física e social da colonização, mas o poema afirma o papel da voz e da música como ferramentas de denúncia e partilha de lamentos, salvaguardando a tradição de oralidade presente em Moçambique.

Por sua vez, a escrita de Conceição Evaristo (1946) está diretamente vinculada ao conceito de *Escrevivência*, que compreende a escrita, a existência e a vivência de mulheres negras a partir da memória, da ancestralidade e do cotidiano de exclusão. Essa literatura configura-se como uma "contraliteratura" que visa incomodar as estruturas dominantes e remover histórias da

clandestinidade. No poema *Todas as manhãs*, a autora elucida como a violência física do período colonial reverbera como marcas psicológicas e agressões reais no sujeito racializado contemporâneo. Contudo, a opressão é confrontada pela resistência assentada no termo "banzo", de raiz banto, ressignificado por Evaristo não apenas como nostalgia e dor, mas como uma voz-âncora da memória que impulsiona a esperança e a continuidade do povo através de "negras sementes" que fertilizam a terra.

A aproximação das obras demonstra que tanto a "voz coletiva" de Noémia de Sousa quanto a "escrevivência" de Conceição Evaristo subvertem a língua portuguesa colonial para dar vazão a novas subjetividades. Ambas recusam o modelo eurocêntrico tradicional e validam uma escrita que reumaniza o corpo negro e transforma o sofrimento histórico em ferramenta de denúncia e ação política.

Considerações finais

A análise comparativa evidencia que, apesar da distância geográfica entre Moçambique e Brasil e do distanciamento temporal das produções, as poéticas de Noémia de Sousa e Conceição Evaristo são profundamente aproximadas pelas marcas persistentes do colonialismo. As marcas históricas da colonização e do racismo não pertencem unicamente ao passado, mas permanecem atuantes na estruturação social e literária contemporânea.

Conclui-se que ambas as autoras utilizam a materialidade de seus versos como um ato eminentemente político de retomada de território identitário. Seja por meio do resgate da ancestralidade, seja pela afirmação do ser negro e pelo rompimento de silenciamentos, as obras estudadas funcionam como formas eficazes de decolonialidade e de resistência literária, provando que a literatura negra se consolida como um espaço indispensável para confrontar discursos hegemônicos e germinar a memória coletiva.

Referências

- BERND, Zilé. Introdução à literatura negra. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- CÉSAIRE, Aimé. Discurso sobre o colonialismo. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 2005.
- CHABAL, Patrick. Vozes moçambicanas: literatura e nacionalidade. Lisboa: Vega, 1994.
- EVARISTO, Conceição. Poemas da recordação e outros movimentos. Rio de Janeiro: Malê, 2020.

FANON, Frantz. Os condenados da terra. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

GONZALEZ, Lélia. Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios e intervenções. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

HAMILTON, Russell G. Literatura africana, literatura necessária I - Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe. Lisboa: Edições 70, 1984.

KILOMBA, Grada. Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano. Lisboa: Orfeu Negro, 2019.